

DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA E DE JUÍZO DE VALOR DE CRIANÇAS ATÉ SEIS ANOS DE IDADE.

Thainá Trindade Lisboa; Yonara das Neves da S. Santos; Jane do Socorro de Moura Cardoso;
Giovanna Evellyn de S. Jaques;

Universidade Federal do Pará; e-mail: thainalisboa1992@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo destacar de que forma acontece o processo de aquisição da linguagem e o juízo de valor da criança até seis anos de idade, e qual o caminho percorrido para tal construção, levando em consideração o desenvolvimento de cada indivíduo. Buscando entender em que momento da sua escolarização a criança adquire o conceito de letras e palavras, ou se eles já o têm antes de sua entrada no ambiente escolar. Para tanto buscamos uma escola da zona rural do Município de Castanhal, no Estado do Pará, em virtude de tal contexto social queríamos buscar a formação destas crianças e de que modo a realidade presenciada influenciaria em seu processo de aquisição da linguagem oral e escrita, a partir da coleta de desenhos e de escritos, que foram produzidos a partir de, conversas com os alunos. Os desenhos foram produzidos após a apresentação de uma lenda do folclore local, com isto as crianças fizeram desenhos e escreveram algumas palavras acerca de seus desenhos. Com isto, tentamos entender se as crianças já possuem consciência de sua escrita ou se ainda estão em processo, de tal forma a desenvolver um raciocínio lógico e uma escrita condizente com seu nível de escolarização.

Palavras-chave: Linguagem, escrita, desenvolvimento da escrita, alfabetizar.

Introdução

O desenvolvimento humano é um processo de mudança a nível físico, de comportamento, cognitivo e emocional ao longo da vida em cada fase surgem características específicas. No entanto, cada criança é um indivíduo diferente e pode atingir as fases do desenvolvimento mais cedo ou mais tarde independente de idade.

A criança aprimora com o tempo a concepção de universo, e sente necessidade de explorar o espaço, toda criança precisa ser estimulada em seu desenvolvimento, no sentido da aquisição de habilidades motoras, mentais e sociais básicas. De toda maneira, o período que vai desde o nascimento até os seis anos, ocorrem mudanças evidentes, espetaculares, bastante visíveis.

Neste sentido, para tentar entender como se dá o processo de aquisição tanto da linguagem, da escrita e da fala da criança e compreender ainda a Psicogênese da Linguagem, que são de fundamental importância para entender o processo de alfabetização, onde a descoberta da linguagem escrita e oral e suas especificidades torna-se o centro das pesquisas de Emília Ferreiro, a qual se utilizou como base teórica para o desenvolvimento deste trabalho, é importante destacarmos o olhar diferenciado da autora para esta temática, visto que, a mesma

parte do olhar da criança para a análise, compreensão e desenvolvimento de seu método de pesquisa, enquanto que as demais pesquisas voltam-se para o olhar do adulto sobre a produção da criança. “Interessava, então, conhecer como a criança dialoga com seu processo de desenho? Que ideias ela constrói sobre sua produção gráfica? Que sentido atribui a suas criações?” (PILLAR, 2005; p.34).

Diante do que afirma Ferreiro (1985) o sujeito aprende a partir de suas próprias descobertas, partimos para a pesquisa de campo, objetivando perceber na prática tais teorias. Ocorreram três encontros com a turma, o primeiro foi para promover o contato inicial com as crianças, no segundo houve a apresentação da *lenda da mandioca* em virtude da semana do folclore, para valorizar a cultura amazônica, e instigar os alunos a também contar histórias. O terceiro encontro foi para coleta os dados referentes à pesquisa, onde deixamos os alunos livres para suas produções.

Metodologia

O presente trabalho deu-se em decorrência de atividades propostas a partir das disciplinas Psicologia e Psicogênese da Linguagem do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), em vista destas percebemos a necessidade de compreender de que forma acontece o processo de aquisição da linguagem oral e escrita, por meio de uma pesquisa de campo realizada com alunos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental José Henrique de Araújo, situada na agrovila Castelo Branco, no Município de Castanhal-Pa.

A escolha da referida instituição deu-se por tratar-se de uma realidade diferente da qual estamos habituados, em escolas da zona urbana. Trabalhamos com uma turma de 1º ano, composta por 16 alunos, escolhemos aleatoriamente 5 alunos, sendo três meninos e duas meninas, para a coleta da escrita. Os dados referentes à pesquisa foram coletados por meio de narração oral, escrita e desenhos que foram propostos às crianças, utilizando os seguintes recursos: gravação de áudio, vídeo e registros de imagem.

Resultado e Discussão

Conhecimento social e desenvolvimento de normas e valores até os seis anos de idade.

O conhecimento social compreende a forma como os seres humanos percebem seu meio social, ele o constrói de acordo com as experiências vivenciadas enquanto criança, as quais são reproduzidas nos diversos contextos sociais e assim formam os valores e a personalidade do indivíduo.

O desenvolvimento deste conhecimento social envolve diversas áreas que o geram, dentre as quais está a compreensão de si e do outro com os quais se relacionam como seres pensantes, compreensão das relações que unem as pessoas e a representação de instituições sociais da cultura em que vivem.

Pode-se dizer ainda que o indivíduo não assimila somente o que diz respeito ao exterior, mas a partir de seu conhecimento do mundo físico é que o ser humano constrói suas primeiras relações com os mais diversos tipos de experiência das realidades humanas, e apesar desta forma de construção ser muito comum às realidades de experiências físicas e sociais.

Há dois procedimentos pelos quais pode-se armazenar, transformar e principalmente gerar o conhecimento social. O primeiro é tido como esquema de conhecimento, o qual a partir das experiências que temos é que a criança gera esquemas de diferentes realidades sociais e eles servirão para, basear teorias simples e informais, capazes de fazer a criança levantar hipóteses e interpretar as diversas realidades sociais de modo diferente, ainda nestes esquemas de realidades sociais, pode-se ter a concepção de características do outro e de si mesmo e os diversos papéis sociais que são desenvolvidos por uma pessoa, grupo ou instituição. O procedimento é tido como habilidade de adoção de perspectiva, esta consiste na capacidade de colocar-se no lugar do outro ou ver as coisas a partir da perspectiva do outro, esta habilidade não é estática por não ter sempre a mesma característica, mas no decorrer da infância vai ganhando maturidade. Estes dois processos não agem independentemente, mas em maior ou menor grau de modo a completar-se.

Por muito tempo o processo de alfabetização tratou-se de ensinamentos mecanizados, no entanto todo o fracasso na alfabetização era tido como falta de interesse da criança ou carência em algum modo de seu aprendizado, com isto, o problema nunca seria a escola e suas formas de ensinar, a deficiência não poderia ser do sistema educacional adotado pela instituição, pois é mais fácil culpar o aluno do que mudar todo o sistema educacional que vem sendo usado por anos, causando assim o atraso no desenvolvimento dos alunos. A certeza é que o erro está no

modo como se dá a alfabetização, pois se a criança não percorre o caminho completo para ser alfabetizada, ela não conseguirá atender aos pré-requisitos para seguir nas fases seguintes da escolarização.

O desenvolvimento nos anos pré-escolares segundo Carvalho (1996) é uma construção de relações contínuas que são formadas em conformidade com o desenvolvimento cognitivo das crianças. Mas para nós o que interessa no momento é o segundo estágio de desenvolvimento, a qual Piaget apud Carvalho (1996), trata de estágio pré-operatório, neste estágio a criança já diferencia objetos, consegue ter a noção de permanência, mesmo que não esteja vendo objeto, os fatores genéticos também influenciam o desenvolvimento da criança, a sua maturação neurológica contribui para sua percepção e seu desenvolvimento cognitivo, “o conhecimento resulta de um processo de transações entre o sujeito cognocente e o objeto conhecido” (Piaget apud Carvalho 1996, p.43).

Ferreiro apud Colello e Luize (2005), passou a preocupar-se com o modo que se dava o aprendizado e a enxergar o aluno como o sujeito capaz de aprender independente de classe social, para tanto, constatou que é preciso à criança pensar sobre o ato de escrever a fim de que o aprendizado da escrita aconteça, com isto, ela evolui gradualmente ao ponto que adquire o conhecimento e a habilidade de escrever. Pode-se dizer que a criança só aprende realmente quando se dá conta das variações de sua própria escrita, ou seja, quando ela apropria-se do sistema de representação usado pela sociedade, no entanto isto não significa que ela está totalmente alfabetizada, apenas mostra que ela já possui aptidão para começar a codificar e decodificar o sistema de escrita usado pelo seu grupo social.

Desta forma, é que pode-se entender diversos comportamentos das crianças, é nesta fase, que ao descrever um adulto, utilizam sempre suas características externas, traços físicos, assim como no que diz respeito aos sentimentos, pensamentos, intenções ou traços pessoais dos outros estas a fazem com caráter geral, global. Nas relações interpessoais, elas identificam não somente as características, dos mais próximos, mas também das relações que a eles correspondem, sejam de autoridade, liderança, submissão, etc. Ainda segundo Piaget (1967) não se pode delimitar um ponto inicial para o pensamento lógico na criança, para ele a criança já tem uma lógica formada muito antes de conseguir manipular ou associar objetos a fatos, “as

funções intelectuais constituem o núcleo de todas as atividades humanas” (Piaget apud Carvalho 1996, p.47).

Outro ponto a ser destacado é a inarticulação que compõe a representação de uma mesma realidade, uma vez que seu pensamento está mais caracterizado por um conglomerado de componentes que por uma articulação de elementos entre si. Assim, não conseguem perceber as necessidades das relações com elementos e em vezes acredita ser apenas um ritual e não uma necessidade do ser humano.

Em suma, pode-se concluir que embora haja diferença na forma de compreensão do mundo social, uma característica comum é sua observação externa e a associação do externo a elementos deste mundo social, os quais fazem com que estas crianças associem elementos externos marcantes e identifiquem por estes elementos marcantes os sistemas e instituições sociais.

Desenvolvimento de normas e valores.

No período pré-operatório a criança já é capaz de agir de forma coordenada, e associar ações e fatos, nos primeiros anos deste período a criança não consegue colocar-se no lugar do outro, tendo assim um comportamento individualista, nos jogos as regras são tidas como imutáveis, não sendo aceito que ajam exceções, é neste período também que há uma grande aquisição de conhecimento e experiências, a criança já tem um grande repertório de palavras, no entanto ainda não domina os significados, “hoje não se entende comportamento como uma ação isolada de um sujeito, mas como uma interação entre aquilo que o sujeito faz e o ambiente em que o seu “fazer” está inserido.” (Watson apud Bock 2008, p. 56).

Nos anos iniciais a criança ainda não tem a noção de normas bem estabelecidas, para tanto ela quer tudo que lhe chama atenção, não importando se é seu ou não, mas com o passar do tempo ela adquire o conhecimento do certo e errado, mas ainda não consegue associar fatos a causas, exemplo uma pessoa está chorando de felicidade, a criança não saberá diferenciar se o choro é de triste, ou a causa do mesmo.

No período que compreende os 3 a 5 anos a criança ainda não consegue agir de forma a manter um pensamento lógico, exemplo: se encho dois copos de circunferência distinta ao outro, ditos copo “A” e copo “B” com a mesma quantidade de líquido, e pergunto à criança qual tem mais provavelmente ela apontará para o copo de menor circunferência, pois aparenta estar com mais líquido que o de maior circunferência.

Watson apud Bock (2008) em estudo do comportamento humano descobriu o Behaviorismo, com este método ele discordava de que o estudo da mente e da consciência como objeto de estudo da psicologia através da introspecção, deu grande importância ao estudo do comportamento animal pois sofria influências de Darwin.

“A hipótese geral de Piaget (1967) é simplesmente que o desenvolvimento cognitivo é um processo coerente de sucessivos equilíbrios das estruturas cognitivas, de modo tal que cada estrutura e cada estado de equilíbrio consequente derivam lógica e inevitavelmente do anterior” (Flavell apud Carvalho 1996, p.54).

Para Piaget (1967) não há um estímulo dito absoluto, assim como Watson apud Bock (2008) acredita que dependendo do incentivo qualquer indivíduo pode tornar-se o que quiser. Em meio a crenças de que o processo de alfabetização ocorria apenas na sala de aula tivemos a perpetuação de que se o professor conseguisse ensinar de maneira com que todos os alunos aprendessem ele conseguiria cumprir o processo de alfabetizar. Não levando em consideração que a escrita era o objeto de desejo da criança, e que mesmo quando considerada “incapaz”, já possui um conhecimento prévio acerca do seu objetivo, mesmo que inconscientemente.

Apesar disto não significa dizer que o usuário, agora consciente de seu papel na sociedade já possua a habilidade de um sujeito totalmente letrado. Para tanto, é preciso que haja uma diversidade de vocábulos, que ajudarão o sujeito a manter-se em constante processo de aprendizagem, assim tanto professor como aluno ganham novas características, agora o professor também pode aprender com o aluno, ele deixa o lugar de “dono do conhecimento” e passa a frequentar um lugar de sujeito passível de aprendizado.

Agora neste novo cenário, é preciso conhecer cada personagem para que seja entendido o percurso que se deve percorrer até que se alcance a escrita consciente, e a redescoberta do “pra que ensinar” e do “como ensinar”. Com isto o novo profissional de educação precisa saber *para que ensinar?* e *como ensina?* Diferente disto, nenhuma teoria valerá apenas. Em vista disso também é importante destacar a importância das pesquisas básicas que contribuem de maneira significativa, no que tange a reflexão sobre as ações em sala de aula, para o melhor desempenho dos profissionais de educação no processo ensino aprendizagem. Sendo assim, é de fundamental relevância o cuidado ao realizar uma pesquisa pois ela de certa forma vai inspirar as ações de seus leitores finais.

“Quando um autor publica alguma coisa, quando põe a serviço público algum resultado de pesquisa, sabe que necessariamente vai ser assimilado pelos usuários, e que muitas coisas acontecem durante esse processo de assimilação, a tal ponto que em alguns casos aquele autor não se reconhece mais.” (FERREIRO, 1990 apud COLELLO e LUIZE, 2005, p. 20).

Pillar (2005) Afirma que inicialmente a criança faz marcas numa superfície sem a intenção de representar algo ou tematizar, mas apenas pelo prazer visual e pelos gestos executados por meio de tal marca. Posteriormente a criança já passa a ter uma intenção de representar algo por meio daquele desenho, e refere-se a fase anterior como a de crianças menores ou nenéns que ainda não sabem desenhar. O segundo estágio Piaget (1986) chama de Incapacidade Sintética pode-se perceber que a criança busca as formas mais gerais dos objetos, além de não se preocupar em relacionar os objetos entre si, mas só os elementos do próprio objeto. O terceiro estágio é aquele onde a criança busca estabelecer relações de cores para os objetos, aos mesmos é estabelecido relação não mais como no estágio anterior onde relacionava-se apenas os elementos do próprio objeto, desta vez todos eles se relacionam, formando como que elementos de uma cena, é ainda nesta que a criança tem uma linguagem mais ampla e rica além de buscar desenhar apenas o que vê.

Outro ponto destacado pela autora é quando se refere a autores que trouxeram uma separação entre “Alfabetizar” e “Letrar”, o que para Emilia Ferreiro era inadmissível, em decorrência desse pensamento houve uma intensa aversão ao construtivismo (o que era praticado de forma inconveniente) e uma exaltação do método fônico (COLELLO e LUIZE, 2005, p. 22). O que vem ser de grande pesar, pois os estudos levantados por Ferreiro abrem um novo olhar em relação a alfabetização, não mais voltado para o método da repetição e mecanização do ensino, ela se volta para o sujeito que também é construtor do seu conhecimento,

Não podemos reduzir a criança a um par de olhos que vêem, a um par de ouvidos que escuta, a um aparelho fonador que emite sons e uma mão que aperta com torpeza um lápis sobre uma folha de papel. Por trás (ou além) dos olhos, dos ouvidos, do aparelho fonador e da mão, há um sujeito que pensa e que tenta incorporar seus próprios saberes a esse maravilhoso meio de representar e recriar a língua que é a escrita, *todas* as escritas (FERREIRO, 1990 apud COLELLO e LUIZE, 2005, p. 22 e 23).

Essa visão de Ferreiro apud Colello e Luize (2005) em relação ao aluno quebra com o tradicionalismo e isso é fundamental tanto para o professor quanto para o aluno, acreditamos que esse relacionamento (professor/aluno) só tende a se fortalecer quando ocorre em pé de igualdade. A formação inicial e continuada dos professores é de suma importância pois por meio dela se pode oferecer um aporte seguro para estes profissionais, somando a isto as

pesquisas básicas que como já foi citado anteriormente servem para trazer reflexões sobre as práticas pedagógicas atuantes. Portanto, é preciso romper com as barreiras, ditas “intransponíveis”, de nosso sistema educacional e nos abrimos para novos horizontes, por meio de estudos, pesquisas e práticas de autores tal qual Emilia Ferreiro que vem trazer um novo referencial de educação que coloca o aluno como verdadeiro protagonista dessa trama educacional.

Pillar (2005) faz uma análise sobre o desenho e a escrita na infância, e os elementos que entrelaçam estes dois sistemas de linguagem, direcionando o modo de ver, criar e de compreender tais sistemas. A autora aborda as relações entre os processos de desenho e escrita da criança, com base em estudos de Ferreiro sobre escrita, e de Luquet apud Pillar (2005) sobre desenho infantil.

O segundo elemento é a escrita, a forma como a criança constrói este sistema que se divide em quatro níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. O primeiro nível é o que a criança se apropria de grafismos primitivos, com uma única forma e não tem controle quanto ao número de caracteres. Em seguida a criança já começa a ter controle quanto a quantidade de letras, porém não se preocupa se considerar sua sonoridade convencional. Já no segundo nível, chamado de nível silábico é estabelecido ligação entre pronúncia e escrita, sendo uma letra correspondente a cada sílaba, pode-se haver também palavras com letras repetidas e ainda palavras com uma única letra.

Para o terceiro nível, o qual é chamado de silábico-alfabético, a criança começa a perceber que sua forma de escrever já não é mais compreensível para outras pessoas e que é necessário se colocar mais letras em uma sílaba, o que ora ocorre e ora não ocorre. O último nível é chamado de alfabético, que é aquele onde a criança faz relação do grafema com fonema, mas não se preocupa com espaços entre as palavras e nem com questões ortográficas relacionadas a mesma.

Análise dos dados

Criança 1, cinco anos encontra-se no 1º ano;

Solicitei a criança 1 que desenhasse algo, deixando-o livre para escolher o que desenhar, posteriormente pedi que indicasse os desenhos e falasse o que era cada imagem. Numerei as figuras de 1 a 10, onde cada número indica um elemento do desenho, o qual transcrevi de mesmo modo como a criança falou e logo em seguida a grafia da palavra. O elemento 1 “*ma*

meça” (uma mesa); 2 “ota meça” (outra mesa); 3 “ma balela” (uma baleia); 4 “um pasalino” (um passarinho); 5 “ma talina” (uma galinha); 6 “obisoni” (lobisomem); 7 “pasalino” (passarinho); 8 “oto pasalino” (outro passarinho); 9 “oto pasalino” (outro passarinho); 10 não respondeu o que era.

Para tanto, pode-se perceber que a criança 1 está no segundo estágio referente aos desenhos, segundo PILLAR (2005) *Incapacidade sintética*, ainda não expressa a realidade do objeto, mas

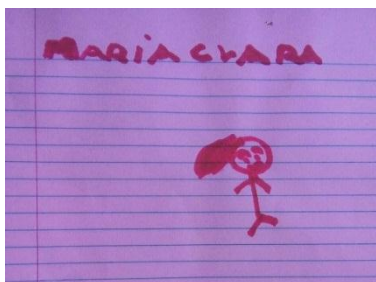


já preocupa-se em diferenciar os mesmos.

A criança 1 encontra-se no nível *Silábico-alfabético*, pois não faz ligação entre a palavra falada e a sua grafia, não tem controle sobre a quantidade de letras para formar as palavras.

Criança 2, seis anos encontra-se no 1º ano

Percebeu-se que a criança 2 encontra-se no estágio *Realismo intelectual* segundo PILLAR (2005), ela já estabelece relação entre os objetos da cena representada, ou seja, consegue expressar-se objetivamente e organizar o que está pensando no desenho. Observei que a criança 2 oraliza corretamente, sua pronúncia das palavras é bem “limpa”, embora fale muito baixo acredito que pelo fato de ser tímida.



Perguntada sobre os objetos de seu desenho ela respondeu, “casa; sol, flor, rua, mato e eu”

A criança não produziu escrita pelo fato de não saber escrever outro nome se não o seu, pedi para que a criança 2 escrevesse *boneca* e ela desenhou uma boneca, perguntei se ela não queria escrever e ela respondeu “*eu só sei escrever o meu nome*”, tentei insistir, mas ela não quis escrever.

Entre tanto contrariando a afirmação da própria criança e pela análise do nome ela estaria no nível *silábico-alfabético*, não houve mais escritas para comprovar esta afirmativa.

Criança 3, oito anos encontra-se no 1º ano;

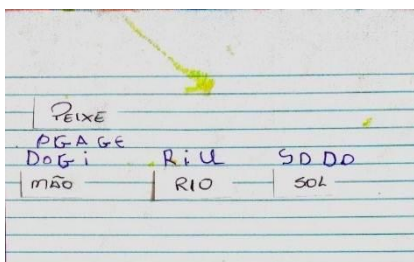


Imagem 1

Imagem 2

Percebeu-se que a criança 3 está no nível de *realismo intelectual*, seus desenhos possuem relação com o seu cotidiano. Nota-se ainda que ele consegue relacionar os objetos do desenho, e em alguns casos faz referências bem pertinentes, a exemplo do desenho de número 2, onde eu perguntei o que havia desenhado, e ele me respondeu “*essa bola é a terra*”, perguntei novamente e esse lado preto

e o outro branco, por quê? Resposta “*é que um lado ta di dia e o otro ta di noiti*”.



Quanto a escrita a criança 3 encontra-se no nível *silábico-alfabético*, consegue manter o controle da quantidade de letras de cada palavra, entre tanto, sua escrita em duas palavras é considerada *sem valor*, ou seja, nenhuma das letras condiz com a palavra que ele estava escrevendo, e nos outros

dois casos pode ser considerada *com valor* pois possuem elementos da palavra que ele estava escrevendo. Em uma das palavras escritas a criança 3 está no nível *Alfabético*, pois apenas uma letra da palavra esta trocada.

Criança 4, seis anos encontra-se no 1º ano

Ao analisar o desenho do aluno 4, pode-se perceber que ele já está na fase da qual consegue relacionar os objetos, trazendo para o papel uma cena completa



e desenhos de objetos que são próprios do seu cotidiano, a isto Luquet apud Pillar (2005) chama de Realismo Intelectual. Em alguns momentos ele dizia ter errado o desenho e que achava melhor refazer.

Quanto a escrita, analisei que ele está no que Emilia Ferreiro apud Pillar (2005) chama de nível alfabético, pois ele consegue escrever seu nome. Porém pude perceber também que ele escreve o próprio nome pela prática que tem em escrever o mesmo todos os dias, mas quando pedi para que ele escrevesse outras palavras ele dizia que não sabia como iniciava e nem como se escrevia tal palavra. Observei então que a criança 4 apenas transcreve aquilo que vê.

Criança 5, seis anos 1º ano.



Ao fazer a análise desta criança em relação ao seu desenho, segundo as teorias de Luquet apud Pillar (2005) é perceptível que a mesma se encontra no período chamado de Realismo Intelectual, pois a criança desenhou coisas do seu cotidiano e cria relação

entre os desenhos, não usou cores próprias do que habitualmente vemos estes elementos, mas nas cores que ele mesmo quis fazer, no entanto continuava a desenhar. Para desenhar a criança pegava a ideia do que o colega do lado estava fazendo, porém, os desenhos não ficaram totalmente iguais, pois ele tinha seu jeito próprio de desenhar. No que diz respeito a escrita analisei que também ele está no nível que Emília Ferreiro chama de Alfabético, pois ao escrever seu nome foi compreensível, mas quando propus que escrevesse outra palavra ele me falou que não sabia. Pude analisar também que na realidade o que ele sabe é transcrever aquilo que vê.

Propus a ele que me contasse uma história, então ele me respondeu: -Eu chó chei de avião.

-Oh, eu chonei não foi? Aí eu chonei que eu tava pilotando um avião, aí eu chofi que... eu chofi foi um achidente, mas quando eu morri Deus me colocou aqui dinovo.

Conclusões

A criança desde que nasce desenvolve-se de forma relevante e dinâmica, o desenvolvimento físico corresponde à sua maneira de crescer com fatores genético e biológicos interferindo nesse processo. Já o desenvolvimento social e afetivo é outro fator relevante que deve ser levado em consideração em especial no processo de aprendizagem.

Considera-se que o desenvolvimento da criança é um fator relevante em todos os aspectos, pois é preciso que se tenha um desenvolvimento na integra, ou seja, social, psicológico, por

isso é fundamental que se possa oferecer condições a criança de ter um desenvolvimento sócio-afetivo adequado e desenvolver também a sua capacidade de aprendizagem respeitando os limites de cada idade.

A partir do que foi exposto no presente trabalho, percebemos a importância das pesquisas feitas por Emilia Ferreiro e seus contribuintes no processo de aquisição da linguagem oral e escrita, pois a mesma trabalha em uma perspectiva construtivista onde o olhar se volta para o sujeito enquanto construtor de seu próprio conhecimento, valorizando os erros como parte deste processo. Além disso, a experiência de irmos ao ambiente escolar nos proporcionou um encontro com a realidade da educação rural, adentrando na prática educativa e percebendo as especificidades e relações destes indivíduos.

Sendo assim, essa pesquisa teórico-prática nos proporcionou um enriquecimento em nosso processo formativo, visto que, por meio das atividades promovidas juntamente com os alunos (desenho, narrativa, escrita), conseguimos nos apropriar de conhecimentos relacionados a prática docente. Além disto, tivemos que estabelecer um grau de confiança com os alunos, e tal ação nos mostrou que o vínculo afetivo que se constrói entre professor-aluno e de suma importância afim de que possamos obter uma significativa troca de conhecimentos.

Referências

BAJARD, Élie; WAISS, Telma et all. **A Autonomia da Escrita**. Coleção Memória da Pedagogia, nº 5. Emília Ferreiro – a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: Ediouro. São Paulo: Segmento/Duetto, 2005 (p. 52 a 61).

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13 ed, reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 1999.

CARVALHO, Vania Brina Corrêa Lima de. **Desenvolvimento humano e psicologia, generalidades, conceitos e teorias**; Belo Horizonte, editora UFMG – 1996.

COLELLO, Silvia M. Gasparian; LUIZE, Andréa. **Aventura Lingüística**. Revista Viver mente & cérebro, Nº 5, 2005.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

PIAGET, J. **A Construção do Real**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

PILLAR, Analice Dutra. **Ver, criar, compreender**. Revista Viver mente & cérebro, nº 5, 2005.